

Eleição Presidencial

FH só escolhe ministros após o 2º turno

Josemar Gonçalves - 9/9/98

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA - Mesmo que vença as eleições no 1º turno, o presidente Fernando Henrique Cardoso só vai tratar da formação do governo para o segundo mandato depois do 2º turno das eleições para os governos estaduais. O presidente, segundo um interlocutor de sua confiança, deve iniciar o governo com uma equipe muito renovada, já em 1º de janeiro de 1999, e vai aproveitar o mês de novembro e a primeira quinzena de dezembro para montar o futuro ministério, organizando uma espécie de período de transição.

O presidente recebeu sugestão de um grupo de ministros de só montar o novo governo em fevereiro, para deixar que os parlamentares que ainda têm mandato até lá, e não foram reeleitos, possam votar sem interferências as reformas e medidas fiscais que o governo precisa aprovar com urgência. Mas até o momento prevalece a idéia de assumir o novo mandato com o governo estruturado.

Os presidentes dos partidos aliados, Teotônio Vilela, do PSDB, Jader Barbalho, do PMDB, Jorge Bornhausen, do PFL, Paulo Maluf, do PPB, já foram informados pelo

presidente de que antes do fim do 2º turno não tratará da composição ministerial, por não ser possível montar qualquer governo sem saber quem serão os governadores de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal, entre outros estados importantes onde também haverá 2º turno.

O coordenador operacional da campanha pela reeleição, Eduardo Jorge Caldas, deve retornar à Secretaria-Geral da Presidência, após as eleições, e integrar, com o chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, o comando do processo de transição para a futura gestão.

O novo governo, segundo os interlocutores do presidente, terá nuances diferentes dependendo de quem vencer as eleições nesses estados importantes onde haverá 2º turno. O governo será um se Paulo Maluf (PPB) vencer em São Paulo e outro se o governador Mario Covas (PSDB) for reeleito. O mesmo vale para Minas Gerais, onde disputam o governador Eduardo Azevedo (PSDB) e o ex-presidente Itamar Franco (PMDB), para o Rio de Janeiro, onde a briga é entre Anthony Garotinho (PDT) e César Maia (PFL), e Brasília, onde o governador Cristovam Buarque (PT)



Fernando Henrique não quer montar novo ministério sem saber quem governará estados mais importantes

tenta a reeleição contra Joaquim Roriz (PMDB).

"Tratar de ministério ou de estrutura de governo antes disso é provocar uma confusão política num momento em que não estão amadurecidas as condições à tomada de decisões", disse um integrante do comando da campanha da reeleição.

Reforma - A única definição adotada até este momento é a de que o ministério passará realmente por uma ampla reforma para o segundo mandato. São poucos os ministros que devem permanecer. Mesmo assim, os que ficarem ocuparão cargos diferentes. Segundo auxiliares do presidente, em princípio estariam garantidos no novo governo os ministros da Fazenda, Pedro Malan, da Saúde, José Serra, da Casa Civil, Clóvis Carvalho, e da Casa Militar, Alberto Cardoso.

Os ministros da Educação, Paulo Renato Souza, e dos Transportes, Eliseu Padilha, também permanecerão, mas são considerados curingas e podem ser deslocados para outras pastas. Por sua versatilidade, o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, está entre os que podem ficar, deslocado para outra área, mas ainda sem garantias.